



A PORTO ALEGRE DE *OS MENINOS DO LAGO DA REDENÇÃO* (2025)

THE PORTO ALEGRE OF OS MENINOS DO LAGO DA REDENÇÃO (2025)

Flávia Santos da Silva¹

Resumo: O presente trabalho analisa a construção da espacialidade urbana em *Os meninos do Lago da Redenção* (2025), de Gustavo Rodrigues, com foco na representação da cidade de Porto Alegre e nas relações entre espaço, desigualdade social e racismo presentes na narrativa. Partindo das reflexões de Percy Lubbock, Osman Lins e Umberto Eco acerca da espacialidade ficcional. O estudo compreende a cidade não apenas como cenário, mas como elemento estruturador da narrativa. Para a análise, foram elaborados mapas a partir do Google Maps, nos quais se identificam os lugares mencionados ao longo da obra e os trajetos percorridos pelas personagens. A investigação demonstra que a Porto Alegre construída pelo romance evidencia uma cartografia marcada por divisões sociais e raciais, na qual a circulação das personagens periféricas ocorre sob constante vigilância e exclusão simbólica. Além disso, o trabalho discute a representação dos espaços periféricos como territórios de pertencimento e afeto, contrapondo leituras estigmatizantes da periferia urbana. Conclui-se que o romance utiliza a cidade como instrumento crítico para problematizar o racismo estrutural, a criminalização da pobreza e as desigualdades presentes na experiência urbana contemporânea.

Palavras-chave: espacialidade ficcional; Porto Alegre; literatura contemporânea; racismo; espaço urbano.

Abstract: This paper analyzes the construction of urban spatiality in *Os meninos do Lago da Redenção* (2025), by Gustavo Rodrigues, focusing on the representation of the city of Porto Alegre and on the relationships between space, social inequality, and racism within the narrative. Based on the reflections of Percy Lubbock, Osman Lins, and Umberto Eco regarding fictional spatiality, this study understands the city not merely as a setting, but as a structural element of the narrative itself. For the analysis, maps were created using Google Maps to identify the locations mentioned throughout the novel and the routes taken by the characters. The study demonstrates that the Porto Alegre portrayed in the novel reveals a cartography marked by social and racial divisions, in which peripheral characters circulate under constant surveillance and symbolic exclusion. Furthermore, the paper discusses the representation of peripheral spaces as territories of belonging and affection, challenging stigmatizing views of urban peripheries. It concludes that the novel uses the city as a critical tool to problematize structural racism, the criminalization of poverty, and inequalities within contemporary urban experience.

Keywords: fictional spatiality; Porto Alegre; contemporary literature; racism; urban space.

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Let) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em ensino de Língua Portuguesa e Literatura (UFRGS), Educação Bilíngue (IENH) e Literatura Brasileira (UFRGS). Atualmente, atua como professora de Inglês em cursos de idiomas e como professora de Literatura e de Língua Inglesa no Colégio Dom Feliciano (Gravataí)

Introdução

Quando nos deparamos com menções a uma cidade dentro de uma narrativa, abre-se a possibilidade de reconhecimento, e, ao mesmo tempo, de estranhamento, pois essa cidade, mesmo muito semelhante àquela que conhecemos empiricamente, é uma construção literária. O espaço urbano, nesse sentido, é erguido a partir da narrativa, que pode contestá-lo, resignificá-lo e transformá-lo. Em *Os meninos do Lago da Redenção* (2025), de Gustavo Rodrigues, no entanto, a Porto Alegre fictícia parece um eco da capital gaúcha que conhecemos: marcada pela desigualdade, o mapa urbano da cidade define quem é ouvido e quem é esquecido, construindo, portanto, uma cartografia da exclusão.

O objetivo deste trabalho é apresentar a narrativa construída por Gustavo Rodrigues a partir dos espaços da cidade, assim como analisar a forma como esses espaços se articulam à narrativa. Para isso, o presente estudo divide-se em duas partes: na primeira, *O espaço urbano e a literatura*, trago alguns estudos que me ajudam a refletir sobre os espaços dentro das narrativas e o valor dessas menções; em *A Porto Alegre do livro*, apresento a história a partir dos espaços, tencionando os lugares da obra com a temática central do livro: o racismo e a violência que surge dele.

Para a análise, foram elaborados mapas nos quais se visualizam os espaços da cidade mencionados na obra, bem como os trajetos percorridos por algumas personagens. Esses mapas foram produzidos a partir do aplicativo Google Maps, que permite a realização de marcações e a análise das distâncias entre os trajetos. Para transformá-los em imagens, foram realizadas capturas de tela da plataforma.

O espaço urbano e a literatura

Ao refletir sobre a construção narrativa de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, Percy Lubbock chama atenção para a importância dos espaços dentro da ficção, afirmando que os ambientes e lugares “estão com ela [a personagem], plenamente, em primeiro plano; seu valor no quadro é tão forte quanto o dela” (LUBBOCK, 1976, p. 58). A observação do crítico permite compreender que os espaços narrativos não exercem apenas função decorativa ou ilustrativa, servindo como simples plano de fundo para as ações das personagens. Pelo

contrário, a cidade, os bairros, as ruas e os ambientes participam ativamente da construção dos sentidos da obra, influenciando comportamentos, relações sociais, conflitos, entendimentos e deslocamentos. Pensar a espacialidade de uma narrativa, portanto, significa analisar de que maneira o texto organiza seus espaços e quais significados são produzidos por essa organização.

Nesse sentido, estudar os espaços de uma obra literária ultrapassa a mera enumeração dos lugares mencionados pela narrativa; é necessário refletir sobre a presença desses territórios na história contada. Trata-se de compreender a espacialidade ficcional como um elemento estrutural do texto literário, em constante diálogo com os demais componentes narrativos, como as personagens, o tempo, o narrador e os conflitos da trama. Conforme observa Osman Lins, “[a] narrativa é um objeto compacto e inextricável”, no qual todos os elementos encontram-se profundamente articulados entre si (LINS, 1976, p. 62). Desse modo, embora seja possível isolar artificialmente determinados aspectos da narrativa para fins de análise, eles nunca atuam de maneira independente, pois cada elemento reflete e influencia os demais. O estudo do espaço literário, dessa forma, não busca apenas identificar cenários ou localizar acontecimentos, mas compreender as funções exercidas pelos ambientes na construção narrativa e os efeitos produzidos por eles dentro da obra.

A espacialidade ficcional pode, inclusive, aproximar-se de lugares concretos e reconhecíveis pelo leitor, como ocorre nas narrativas urbanas ambientadas em cidades reais. Ainda assim, o espaço literário não corresponde exatamente ao espaço empírico, pois resulta de um processo de seleção e construção realizado pela narrativa. Os lugares mencionados em uma obra carregam valores simbólicos, sociais e históricos que ultrapassam sua materialidade geográfica. Logo, bairros, ruas e instituições tornam-se capazes de evidenciar desigualdades, relações de poder, pertencimentos e exclusões.

A reflexão sobre o espaço literário também pode ser ampliada a partir das considerações de Umberto Eco acerca da construção dos mundos ficcionais. Para o autor, os universos da ficção funcionam como “pequenos mundos” construídos a partir do mundo real, mas organizados segundo as necessidades da narrativa. Embora dialoguem com espaços reconhecíveis empiricamente, esses universos não buscam reproduzir integralmente a realidade; ao contrário, selecionam determinados elementos e os organizam de maneira significativa dentro da obra. Eco afirma que os mundos ficcionais “são parasitas do mundo

real” (ECO, 1994, p.6), mas, justamente por serem limitados e fechados, permitem que o leitor explore com profundidade seus espaços, relações e conflitos (ECO, 1994, p.6). Nesse sentido, a cidade literária não corresponde exatamente à cidade concreta, ainda que dela retire referências reconhecíveis. A Porto Alegre construída em *Os meninos do Lago da Redenção*, por exemplo, apropria-se de bairros, ruas, avenidas e instituições reais da capital gaúcha, mas reorganiza esses espaços de forma a evidenciar desigualdades sociais, tensões raciais e disputas de pertencimento urbano. Portanto, mais do que representar fielmente a cidade empírica, o texto constrói uma espacialidade ficcional que direciona o olhar do leitor para determinadas experiências da vida urbana contemporânea.

Ao analisar representações urbanas, contudo, não basta compreender a cidade apenas como construção ficcional. Como observa Milton Santos (2002), o espaço é produzido socialmente e materializa relações de poder que atravessam a vida cotidiana. Dessa forma, as representações da cidade em uma narrativa também podem evidenciar desigualdades históricas relacionadas à classe, à raça e ao acesso aos diferentes territórios urbanos.

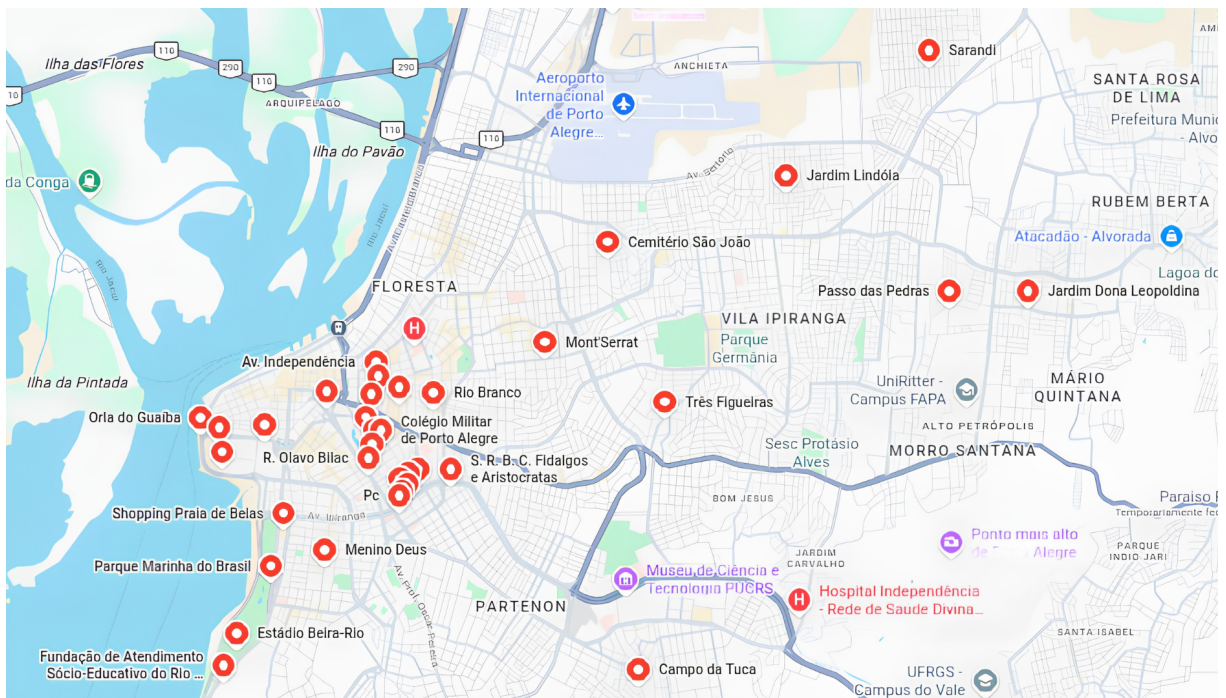
Na narrativa de Gustavo Rodrigues, essa espacialidade ficcional organiza as relações de poder e exclusão. A Porto Alegre construída pelo romance evidencia uma cidade fragmentada por divisões sociais e raciais, na qual determinados sujeitos circulam sob constante vigilância, enquanto outros ocupam os espaços urbanos de maneira legitimada. Dessa forma, os espaços da narrativa não apenas ambientam os acontecimentos, mas participam ativamente da construção crítica da obra, revelando tensões relacionadas à desigualdade, ao racismo e ao pertencimento urbano.

A Porto Alegre do livro

A série Novelas Porto-Alegrenses da editora Boaventura tem como objetivo abrir um espaço para narrativas ambientadas na capital gaúcha. *Os meninos do Lago da Redenção* (2025) faz parte da terceira leva de publicações, que conta com outras quatro histórias publicadas. O autor, Gustavo Rodrigues, é natural de Porto Alegre, professor de Literatura, Português e Produção Textual no IFRS, e possui outras publicações, sendo esse o seu primeiro livro.

Na história, em meio a um verão escaldante, quatro amigos saem da Vila Planetário para se aventurar no Parque da Redenção, com o objetivo de se refrescar nas águas turvas do lago. Tiago, o líder do grupo, no entanto, desaparece, e os outros três, então, precisam comunicar suas respectivas famílias do ocorrido. A partir disso, os meninos, seus familiares e vizinhos começam uma incansável busca. As autoridades e a mídia, no entanto, não parecem compartilhar da preocupação, mas a ajuda de um jovem vereador negro ajuda a pôr um fim no mistério: Tiago, vítima de uma gangue envolvendo até mesmo o delegado, foi morto por um homem a serviço de um esquema de tráfico de órgãos.

A tragédia narrada por Gustavo Rodrigues constrói-se a partir de uma Porto Alegre profundamente desigual e excludente. A cidade do livro, assim como a real, é marcada por divisões espaciais bastante específicas: bairros periféricos, regiões centrais, espaços institucionais e áreas de lazer aparecem articulados às experiências sociais das personagens, condicionando-as. Dessa forma, a cidade não surge apenas como cenário reconhecível ao leitor porto-alegrense, mas como estrutura que evidencia as desigualdades históricas relacionadas à classe social e ao racismo. No mapa abaixo, é possível observar, através dos sinais vermelhos, todos os lugares mencionados ao longo da narrativa:



MAPA 1 - Os lugares mencionados em *Os meninos do Lago da Redenção* (2025)

O mapa indica uma concentração de espaços na região central e centro expandido. A esses lugares relacionam-se a circulação dos meninos, as tensões raciais, a vigilância e a presença de espaços institucionais. Já em relação à zona Norte, observa-se a associação à classe trabalhadora, à moradia periférica, ao trabalho operário e às trajetórias familiares antes de terminarem residindo na Vila Planetário. A zona sul de Porto Alegre aparece como território de lazer e circulação urbana, ao mesmo tempo que de controle institucional e periferação. É interessante observar a proximidade entre lugares de sociabilidade (Beira Rio, Orla e Parque Harmonia) e lugar de vigilância (FASE). Por fim, os bairros de elite aparecem ligados ao privilégio, ao embranquecimento urbano, à exclusão simbólica e ao trabalho doméstico das mães dos personagens. Nesses espaços, ocorre o conflito de pertencimento e a vigilância sobre corpos negros.

No título, já identificamos um lugar da cidade: o Parque da Redenção é um dos mais conhecidos cartões postais da cidade. Na história, ocupa posição de destaque, visto que funciona simultaneamente como espaço de lazer, encontro e tragédia. Em meio ao “calor escaldante” (RODRIGUES, 2025, p. 11), o lago localizado no parque apresenta-se como refúgio possível para os meninos da Vila Planetário, que encontram ali uma alternativa à ausência de opções de lazer em seus próprios bairros, pois “viver em Porto Alegre no verão só não era pior do que viver em Porto Alegre no verão sendo pobre.” (RODRIGUES, 2025, p. 13). No entanto, é também nesse espaço que ocorre o desaparecimento de Tiago, acontecimento que desencadeia os conflitos centrais da narrativa. Embora o mergulho em um lago não apropriado para banho possa parecer estranho, os meninos não poderiam imaginar que tal tragédia pudesse acontecer, pois já haviam naturalizado outros deslocamentos e experiências pela cidade:

Relembrar passo a passo o que tinha acontecido era doloroso para todos eles. Inclusive a culpa era um elemento bastante presente, uma vez que todos acreditavam que Tiago só havia sumido porque decidiram simplesmente acatar a ideia do amigo de tomarem banho nas águas do lago da Redenção. Mas também, quando saberiam que alguma coisa poderia acontecer naquele local tão pacato? Eles já tinham estado em tantos outros lugares da cidade sozinhos, sem que nada tivesse acontecido... Orla do Guaíba, Parque Marinha e até mesmo no Campo da Tuca já haviam estado sendo novamente mais uma ideia de Tiago que queria, dessa vez, ir em um dos famosos bailes do local. E **justamente durante o dia, em um lago central na cidade, deu problema.** (RODRIGUES, 2025, p. 56-57, grifos meus)

Mesmo durante o dia, em uma região central da cidade, os meninos não estão seguros. No capítulo dez, Wellington, um dos meninos, é “surpreendido por um dos porteiros de um

dos edifícios próximos a Ipiranga” (RODRIGUES, 2025, p. 59), que o questiona: “Ô, neguinho. E esse Iphone aí? Pegou de quem?” (RODRIGUES, 2025, p. 60). Mais uma vez, mesmo ocupando uma região central da cidade, o personagem é submetido à suspeita e à vigilância racializada. O estranhamento apresentado pelo porteiro em tal cena não é apenas racial, mas também espacial, pois o porteiro pressupõe que aquele corpo negro não corresponde ao perfil esperado para aquele lugar.

Em relação a trajetos realizados pelos personagens, há, em destaque, a volta dos três amigos da Redenção até a Vila Planetário, bairro perto do subúrbio do bairro Santana, nas proximidades do Planetário da UFRGS e da Avenida Ipiranga. O percurso, mesmo conhecido, evidencia uma relação particular com a cidade. Ao descrever o trajeto pelas ruas Santana, Venâncio Aires, Olavo Bilac e Avenida Ipiranga, o narrador afirma que “todos esses lugares nem ao menos tinham nome” (RODRIGUES, 2025, p. 24) para os personagens, embora eles soubessem reconhecer perfeitamente cada espaço daquele perímetro. A passagem evidencia uma experiência urbana construída menos pela apropriação da cidade e mais pela vivência cotidiana de seus trajetos. Os meninos conhecem Porto Alegre pela circulação e pela repetição dos deslocamentos; contudo, não são plenamente reconhecidos como pertencentes a esses espaços. O romance, nesse sentido, sugere que circular pela cidade não significa, necessariamente, possuir direito pleno a ela.

A representação proposta por Gustavo Rodrigues aproxima-se da reflexão de Milton Santos (2002) sobre a produção desigual do espaço urbano. Para o autor, o “endurecimento da cidade” (SANTOS, 2002, p. 169) atribui funções e valores cada vez mais específicos aos lugares, produzindo novas formas de segregação. Nesse contexto, determinados espaços passam a ser socialmente associados a certos grupos, enquanto outros sujeitos têm sua presença constantemente questionada. No texto analisado, a experiência dos protagonistas evidencia justamente essa contradição: embora circulem por diferentes regiões de Porto Alegre, seu pertencimento a esses espaços permanece condicionado por marcadores de classe e raça.



MAPA 2 - Percurso realizado pelas personagens²

Além da Vila Planetário, outros espaços periféricos estão presentes na narrativa, sendo eles o Morro da Antena, Passo das Pedras, Leopoldina, Sarandi e o Campo da Tuca. Eles são representados para além de uma lógica simplificadora que associa a periferia exclusivamente à violência. Embora a narrativa evidencie as desigualdades sociais que atravessam essas regiões, tais espaços também aparecem como territórios de pertencimento. É nesses bairros que se constroem os vínculos familiares e afetivos das personagens, assim como suas experiências mais cotidianas de amizade, circulação e convivência comunitária. É na Vila Planetário que as famílias dos quatro jovens protagonistas encontram espaço para recomeçar após pequenos infortúnios. A vila, então, surge como espaço central das relações entre os meninos, enquanto lugares como o Campo da Tuca e o Morro da Antena aparecem vinculados às trajetórias familiares e às lembranças das personagens. Marcos dos Santos, personagem vereador, reside no Sarandi, pois “morar no Sarandi, após uma campanha de eleições

² “Saíndo da Redenção, passaram pelo Monumento do Expedicionário, e, naquela altura, o parque já começava a ficar um pouco mais iluminado. A iluminação vinha da Avenida José Bonifácio, deixando em evidência o casarão do Colégio Militar. Atravessaram a avenida costeando o imponente colégio, muito diferente de tudo aquilo que eles conheciam e tinham experiência em sua vida escolar, e pegaram a rua Santana. A passada dos meninos era longa e em pouco tempo já haviam cruzado a Venâncio Aires, chegando até a Olavo Bilac. Para eles, todos esses lugares nem ao menos tinham nome, porém eles sabiam reconhecer cada local da cidade que estivesse naquele perímetro. O bairro Santana já tinha sido quase todo vencido com os três alcançando a Ipiranga na altura da Luiz Manoel. Apenas viraram à esquerda e já estavam na Vila Planetário.” (RODRIGUES, 2025, p. 24)

acirradas, foi uma maneira que Marcos arranhou de poder estar entre as realidades que mais lhe rodearam durante toda infância e adolescência.” (RODRIGUES, 2025, p.51). Dessa forma, o autor constrói uma periferia marcada por redes de afeto e reconhecimento, evidenciando a complexidade humana e social desses territórios frequentemente reduzidos, no imaginário urbano, a espaços de perigo e exclusão.

Do outro lado da avenida Protásio Alves, no bairro Bom Fim, apresenta-se a história que estabelece um contraponto ao desaparecimento de Tiago. Enquanto os amigos e familiares do menino permanecem sem respostas, um outro caso, de menor gravidade, ganha destaque na mídia e a atenção da Polícia:

A única informação que estava sendo reportada pela grande mídia de Porto Alegre era sobre o roubo da bicicleta elétrica. [...] Era um garoto de mais ou menos 16 anos de idade, branco, morador do Bom Fim e filho de um advogado muito importante da região. De acordo com as notícias, as câmeras da rua já haviam captado as imagens do furto e identificado o ladrão. (RODRIGUES, 2025, p. 38)

A partir disso, os personagens organizam uma manifestação no mesmo bairro, a fim de chamar a atenção da mídia e das autoridades. Os bairros centrais e de classe média alta presentes em *Os meninos do Lago da Redenção* são representados como espaços atravessados por disputas históricas de pertencimento e exclusão. Três Figueiras, Mont’Serrat, Rio Branco, Bom Fim e Menino Deus surgem na narrativa como espaços onde as mães dos meninos trabalham como domésticas ou como cenário do episódio que mobiliza rapidamente a mídia e as autoridades: o roubo de uma bicicleta elétrica.

A diferença de tratamento dispensada ao desaparecimento de Tiago e ao furto da bicicleta elétrica evidencia que a cidade retratada por Gustavo Rodrigues distribui, de maneira desigual, a atenção de suas instituições e de sua mídia. Enquanto o desaparecimento de um menino negro e periférico é inicialmente recebido com descaso pelas autoridades, o roubo de um bem pertencente a um adolescente branco mobiliza rapidamente a cobertura jornalística e a atuação policial. Nesse contexto, as reflexões de Achille Mbembe (2018) tornam-se particularmente relevantes. Em “Necropolítica” (2018), Mbembe discute as relações entre soberania e violência, e afirma que o espaço constitui uma das matérias-primas do poder, uma vez que a ocupação dos territórios produz hierarquias e define diferentes formas de pertencimento desde a época colonial. Para Mbembe, a soberania manifesta-se na capacidade de estabelecer quais vidas merecem proteção e quais podem ser relegadas à invisibilidade: “O espaço era, portanto, a matéria-prima da soberania e da violência que sustentava. Soberania

significa ocupação, e ocupação significa relegar o colonizado em uma terceira zona, entre o status de sujeito e objeto.” (MBEMBE, 2018, p. 14).

Essa perspectiva permite compreender que a desigualdade representada no romance não se limita ao acesso aos espaços urbanos, mas envolve também uma distribuição desigual do reconhecimento social. Quando as instituições responsáveis pela proteção da população demonstram maior preocupação com o patrimônio de um jovem branco do que com o desaparecimento de um menino negro, evidencia-se aquilo que Mbembe identifica como o “status de sujeito e objeto” (MBEMBE, 2018, p. 14) e o poder de definir “quem importa e quem não importa” (MBEMBE, 2018, p. 14). A narrativa sugere, assim, que determinadas vidas são percebidas como mais valiosas e mais dignas de atenção pública do que outras. Nesse sentido, a cidade de *Os meninos do Lago da Redenção* não apenas reproduz desigualdades espaciais, mas também revela mecanismos sociais que tornam certos sujeitos mais vulneráveis ao abandono e ao esquecimento.

Além disso, ao mencionar que regiões como Bom Fim, Mont’Serrat e Três Figueiras já integraram a antiga Colônia Africana, o romance evidencia processos de apagamento histórico e embranquecimento urbano que acompanharam a transformação desses bairros ao longo do tempo. A presença negra, antes constitutiva dessas regiões, é gradualmente substituída por uma ocupação associada às elites econômicas da cidade, revelando dinâmicas próximas à gentrificação e à expulsão simbólica das populações periféricas e racializadas dos espaços centrais:

O Bom Fim, localizado na zona central da cidade, é muito conhecido pela sua cultura pungente e seus espaços culturais. São diversas as possibilidades em um bairro só, tendo cafeterias, bares e galerias de arte. Para além disso, o bairro é rodeado de gente jovem e com muita vontade de modificar o mundo. Querem ser diferentes e talvez até sejam. Com certeza, muito diferentes dos antigos moradores dessa mesma região que em algum momento já a habitaram: a chamada Colônia Africana, que além de compreender este bairro também se localizava no Mont Serrat, Rio Branco e Três Figueiras. Estes quatro bairros foram refúgios para ex-escravizados que viam no ambiente um lugar propício para refazerem suas vidas. No entanto, com a gentrificação da cidade e imigrantes vindos da Europa, o bairro ficou cada vez mais branco e caro. Assim, muitos dos que ali viviam na época obrigaram-se a ir para as periferias, sendo marginalizados em sua própria cidade. (RODRIGUES, 2025, p.46-47).

Nesse contexto, episódios como a abordagem sofrida por Wellington na Avenida Ipiranga tornam-se particularmente significativos, pois explicitam como determinados corpos são percebidos como suspeitos em áreas associadas ao privilégio social. A vigilância

constante e a necessidade implícita de justificar sua presença nesses espaços demonstram que a circulação urbana não ocorre de forma igualitária. A Porto Alegre construída por Gustavo Rodrigues, então, evidencia que certos bairros, embora públicos, permanecem simbolicamente delimitados por marcadores de raça e classe, definindo quem é reconhecido como pertencente e quem é tratado como intruso.

Para além dos espaços de circulação e bairros da cidade, a história nos apresenta alguns espaços institucionais, como o Palácio da Polícia, o Instituto Médico Legal (IML), a Câmara de Vereadores e a FASE. Eles aparecem associados menos à proteção das personagens do que ao controle e à vigilância dos corpos periféricos. Localizados em diferentes pontos da cidade, estes lugares integram uma rede institucional que atravessa a narrativa por meio da violência, da suspeita e da burocratização do sofrimento das famílias pobres. A proximidade entre o Palácio da Polícia e o IML, mencionada no romance, reforça simbolicamente a ligação entre repressão estatal e morte, aproximando investigação policial e produção de corpos descartáveis. Já a presença da FASE, situada nas proximidades do Estádio Beira-Rio, evidencia a recorrente associação entre juventude periférica e criminalização, uma vez que os adolescentes pobres aparecem constantemente sob o olhar da suspeita e da disciplina institucional. Mesmo a Câmara de Vereadores, espaço teoricamente destinado à representação política da população, surge distante das vivências concretas das personagens periféricas. Nesse sentido, o percurso construído pela narrativa acompanha e evidencia mecanismos de criminalização da pobreza, revelando como determinadas populações são mais frequentemente submetidas ao controle estatal do que ao acesso efetivo à cidadania.

A recorrência desses espaços institucionais na narrativa sugere que a experiência dos sujeitos periféricos é frequentemente mediada por mecanismos de controle estatal. Nesse sentido, a reflexão de Silvio Almeida (2019) sobre o racismo estrutural contribui para compreender como instituições aparentemente neutras podem reproduzir desigualdades raciais historicamente construídas, pois “As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista.” (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Considerações finais ou Conclusão

Em *Os meninos do Lago da Redenção*, Porto Alegre ultrapassa a condição de simples cenário narrativo e transforma-se em elemento estruturador das relações sociais e dos conflitos presentes na obra. Os espaços urbanos mencionados ao longo da narrativa — parques, bairros periféricos, regiões centrais e instituições estatais — organizam as experiências das personagens e evidenciam uma cidade marcada por profundas desigualdades raciais e econômicas. Assim, a espacialidade construída por Gustavo Rodrigues participa ativamente da narrativa, delimitando possibilidades de circulação, pertencimento e visibilidade.

Ao acompanhar os trajetos dos meninos pela cidade, o romance evidencia que o direito à circulação não ocorre de maneira igualitária. Embora as personagens atravessem diferentes regiões de Porto Alegre, sua presença em determinados espaços permanece constantemente tensionada pela suspeita, pela vigilância e pela exclusão simbólica. Nesse sentido, a obra demonstra como raça e classe social interferem diretamente na relação dos sujeitos com o espaço urbano, revelando uma cidade fragmentada por fronteiras invisíveis, mas profundamente efetivas.

Além disso, ao representar tanto os espaços periféricos quanto os bairros centrais e as instituições da cidade, o romance evita simplificações. A periferia não surge apenas como território da violência, mas também como espaço de afeto, memória e pertencimento; por outro lado, os bairros associados às elites econômicas aparecem marcados pelo apagamento histórico da presença negra e pela exclusão social. Dessa forma, a narrativa constrói uma cartografia urbana que evidencia as permanências do racismo estrutural na configuração contemporânea de Porto Alegre.

Em suma, *Os meninos do Lago da Redenção* utiliza a cidade não apenas como ambientação, mas como instrumento crítico para pensar desigualdade, violência e pertencimento; o direito à cidade não é apenas uma questão de mobilidade ou de classe social, mas também de raça. Os personagens negros circulam pelos espaços urbanos, mas sua presença é constantemente submetida à suspeita, à vigilância e ao apagamento histórico. Ao transformar Porto Alegre em uma espacialidade marcada por tensões sociais e raciais, Gustavo Rodrigues constrói uma narrativa que tensiona a própria experiência urbana

contemporânea e evidencia como determinadas populações continuam sendo privadas do pleno direito à cidade.

Referências

- ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.
- DIMAS, Antonio. Espaço e Romance. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LUBBOCK, Percy. A Técnica da Ficção. São Paulo: Cultrix, 1976.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. 3. ed. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80 p.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002 (Coleção Milton Santos, 1).
- RODRIGUES, Gustavo. Os meninos do Lago da Redenção: novelas porto-alegrenses / Gustavo Rodrigues. 1ª edição. Porto Alegre, RS: Boaventura Editora, 2025.

Recebido em: 15/05/2026; **Aceito em:** 23/06/2026.